

**A MENINA
QUE SORRIA CONTAS**

CLEMANTINE WAMARIYA

E ELIZABETH WEIL

A MENINA QUE SORRIA CONTAS

Tradução de
ESTER CORTEGANO



Para Claire e Mukamana, que me ensinaram
a criar e a viver o meu próprio *umugani*

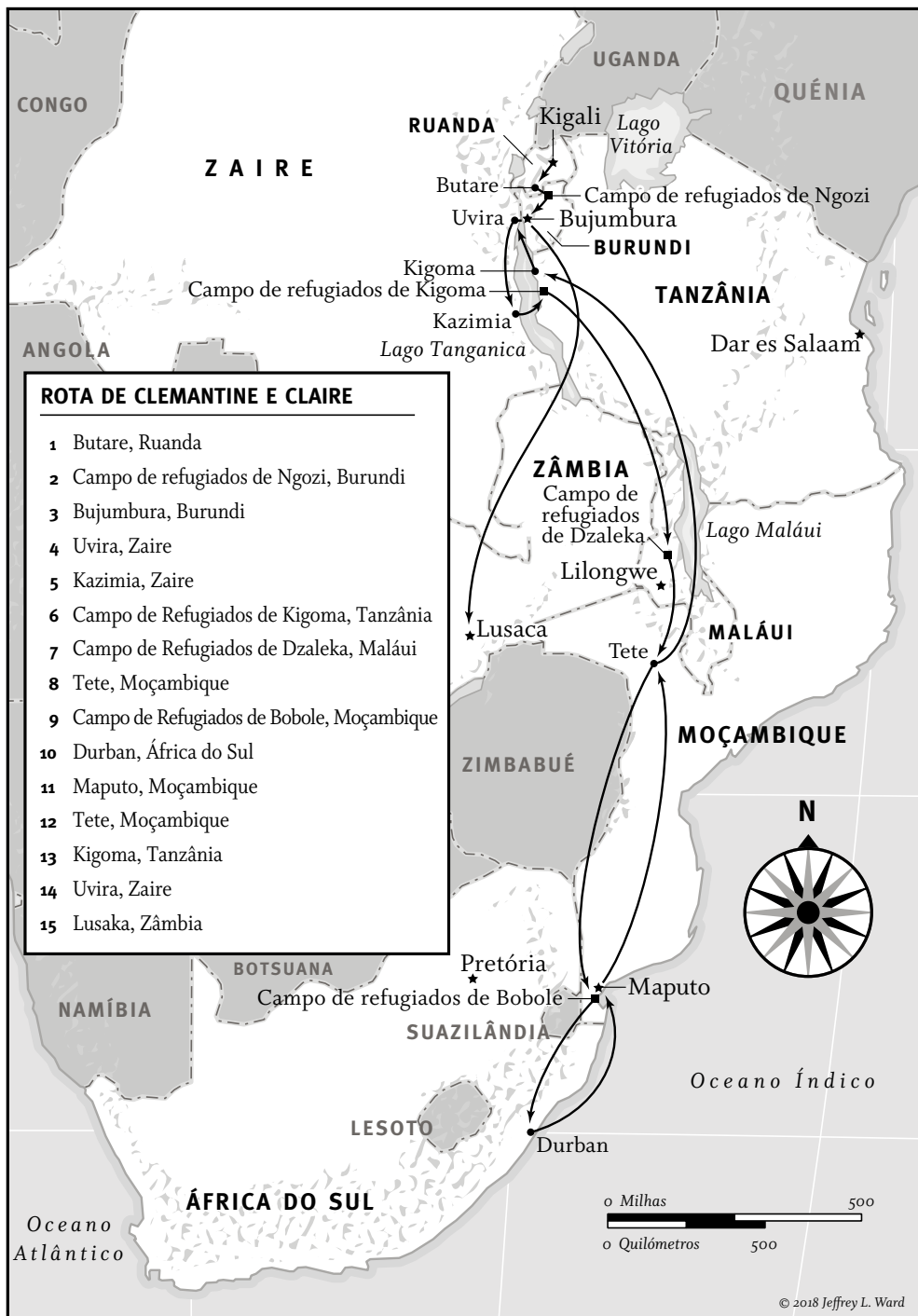
NOTA DAS AUTORAS

Esta é uma obra de não ficção. Deram-se pseudónimos a algumas das pessoas deste livro; todas as outras são identificadas pelos seus verdadeiros nomes. Esforçámo-nos ao máximo para sermos historicamente correctas e, tão crucial num livro como este, emocionalmente honestas. Mas a memória é falível e idiossincrática, e muitos dos eventos aqui descritos aconteceram há décadas a uma criança sob intenso *stress*.

Qualquer vida humana é igualmente valiosa. A história de cada pessoa é fundamental. Esta é apenas uma delas.

«Que palavras ainda não tens?
O que precisas de dizer?»

AUDRE LORDE, *Sister Outside*



PRÓLOGO

Na noite antes de gravarmos o programa da Oprah, em 2006, fui ter com a minha irmã Claire ao seu apartamento, num bairro camarário em Edgewater. Vivia ali com os três filhos, que tivera antes de fazer vinte e dois anos, graças ao ex-marido, um funcionário de ajuda humanitária que a perseguira num campo de refugiados. Chegou uma limusina preta e levou-nos para o Omni Hotel, na baixa de Chicago, perto do antigo emprego da minha irmã. Não me é possível hoje recordar esse momento sem pensar também na minha ingenuidade, mas na altura senti-me arrebatada.

Tinha dezoito anos, estava no décimo primeiro ano na New Trier High School e vivia de segunda a sexta com a família Thomas, em Kenilworth, um subúrbio elegante. Pertencia ao grupo de jovens da igreja. Praticava atletismo. Fizera o papel de Fantine na produção escolar de *Les Misérables*. Era tudo o que todos queriam que eu fosse.

Claire, entretanto, tinha uma vida mais difícil. Ao contrário de mim, já não era criança quando nos instalámos nos Estados Unidos, por isso ninguém a pôs na escola, ninguém a acolheu ou encheu de recursos — aulas de piano, terapeutas da fala, acampamento de líderes de claque. Claire tinha de continuar a lutar.

Durante algum tempo, ganhara a vida a organizar festas, vendendo bebidas e contratando *DJ* que misturavam *hip-hop* americano, a superestrela zairense Papa Wemba e *rap* francês. Mas depois ficou a saber que era ilegal vender bebidas alcoólicas sem licença e começou a trabalhar a tempo inteiro como empregada de quarto, limpando duzentos quartos de hotel por semana.

A única coisa que eu sabia do programa que íamos gravar era que consistia em duas partes: o primeiro segmento mostrava Oprah e Elie Wiesel a visitarem Auschwitz; no segundo, figurariam os cinquenta vencedores do concurso de ensaio que Oprah instituíra junto dos alunos das escolas secundárias. Tal como os outros vencedores, eu escrevera sobre um dos livros de Wiesel, *Noite*, que conta a sua comovente história de sobrevivência ao Holocausto e explica porque continua a ser relevante hoje em dia. O livro desarmou-me. Achei-o empolgante, o que me deixava envergonhada. Wiesel tinha palavras que eu não tinha para descrever as experiências da minha vida anterior.

Eu ditara o meu ensaio à Sra. Thomas, que se sentara à frente do enorme computador que ocupava toda a secretária da sua bonita casa do Midwest, com o relvado gracioso e os soalhos de mogno.

— Clemantine — disse-me ela —, tens de participar. Eu sei que vais ganhar.

A Sra. Thomas tinha três filhos, para além de mim. Eu chamava-lhe «a minha mãe americana», e ela chamava-me «a minha filha africana». Preparava-me o lanche todos os dias e levava-me de carro para a escola.

No meu ensaio, disse que, se os ruandeses tivessem lido *Noite*, talvez não tivessem decidido matar-se uns aos outros.



A CAMINHO DA BAIXA DE CHICAGO, eu e Claire tivemos a conversa inevitável — *Isto está mesmo a acontecer? É tão estranho* —, o que era o máximo que eu e a minha irmã nos aproximávamos de conversar sobre o que tinha acontecido nas nossas vidas. Quando precisávamos mesmo de nomear o passado na presença uma da outra, chamávamos-lhe «a guerra». Mas tentávamos não o fazer, e naquele dia estávamos ambas tão consumidas por todas as recordações e esquecimentos intencionais que, quando chegámos ao Omni e o paquete perguntou pelas nossas malas, percebemos que tínhamos deixado a roupa toda em casa.

Claire apanhou o metro de volta para o apartamento, onde uma amiga lhe estava a tomar conta dos filhos — Mariette, que tinha quase dez; Freddy, de oito; e Michele, de cinco. Eu fiquei no quarto de hotel, perdida.

A Harpo Studios dera a cada a quantia de 150 dólares para o jantar. Era mais do que o valor mensal que Claire recebia em vales-refeição. Quando a minha irmã regressou, pedimos comida pelo serviço de quartos. Acordámos às quatro da manhã e passámos horas a vestir-nos.

NAQUELE DIA, OS PRODUTORES do programa conduziram-nos ao enorme estúdio. Oprah estava sentada no palco, num pequeno sofá branco, ao lado de um velho e cansado Elie Wiesel. Estava vivo, idoso mas vivo, o que era tudo para mim. Via-o sempre a olhar para o público, como se tivesse muito para dizer, mas não houvesse tempo suficiente.

Naquele bonito estúdio, diante de todas aquelas pessoas bem vestidas, a equipa de produção passou o vídeo de Oprah e Elie Wiesel a caminharem de braço dado por uma Auschwitz coberta de neve, a discutirem o holocausto.

Depois houve um intervalo. Ficámos sentados em silêncio. Algumas pessoas estavam horrorizadas, outras a chorar.

Depois disso, Oprah disse coisas fantásticas sobre todos os vencedores do concurso de ensaio — excepto sobre mim. Eu disse a mim mesma que não tinha importância. Não tinha mesmo. Eu nem sequer andara na escola até aos treze anos, e aos sete festejara o Natal num campo de refugiados no Burundi, com uma caixa de sapatos com lápis que enterrara debaixo da nossa tenda para ninguém a roubar. Estar ali, no meio do público, já era bom, não era? Além disso, eu só queria dizer a Oprah: *Sabe há quantos anos, e a quantos quilómetros de distância, a Claire falava de a conhecer?*

Mas, depois, Oprah inclinou-se para a frente e disse:

— Diga-me, Clemantine, antes de sair de África, chegou a encontrar os seus pais?

Eu tinha um microfone escondido no meu casaco preto de televisão e uma bateria presa às minhas calças pretas de televisão, por isso devia ter desconfiado que uma coisa daquelas ia acontecer.

— Não — disse. — Tentámos pela UNICEF... tentámos por todo o lado, andámos às voltas, procurámos, procurámos, procurámos.

— Então, quando foi a última vez que os viu? — perguntou ela.

— Foi em 1994 — disse —, quando eu não percebia nada do que estava a acontecer.

— Bem, eu tenho uma carta dos seus pais — disse Oprah, como se tivéssemos ganhado um concurso televisivo. — Clemantine e Claire, venham cá!



CLAIRE AGARROU-SE E MIM. Estava a tremer, mas manteve o seu rosto duro, céptico, porque sabe mais do mundo do que eu e também porque se recusava a pensar, mesmo depois de tudo o que tínhamos passado, que qualquer pessoa era melhor ou mais importante do que ela. Quando não tínhamos nada e estávamos sozinhas, ela podia estar há sete horas a lavar a roupa de outra pessoa à mão, mas, mesmo assim, via na televisão uma imagem da Angelina Jolie, espantosa e deslumbrante, a irradiar superioridade moral, e dizia: «Quem pensas que és? Deus? Não, és humana. Não há nada que me faça diferente de ti.»

Eu nunca fui como a Claire. Nunca fui inviolável. Muitas vezes, ainda agora, a minha própria história de vida parece-me fragmentada, como contas soltas de um cordão. De cada vez que tento recuperar as minhas memórias, a gama de episódios é ligeiramente diferente. Receio, por vezes, ficar para sempre perdida por dentro. Temo ficar confusa para sempre. Mas, naquele dia, saltei para o palco, a sorrir. Uma das mais valiosas competências que aprendi enquanto tentava sobreviver como refugiada foi ler o que as outras pessoas queriam que eu fizesse.

— Isto é da vossa família, no Ruanda — disse Oprah, passando-me um envelope acastanhado. Parecia solene, confiante na sua determinação. — Do vosso pai e da vossa mãe, e dos vossos irmãos e irmãs.

Eu e a Claire sabíamos que os nossos pais estavam vivos. Sabíamos que tinham perdido tudo — o negócio do meu pai, o jardim da minha mãe — e que viviam agora numa barraca nos arredores de Kigali. Falávamos com eles ao telefone, mas era raro porque — como começar? *Porque não nos procuraram melhor? Como estão? Estou bem, obrigada. Tenho estado a trabalhar na Gap e descobri que é muito mais fácil ler inglês se também ouvir os audiolivros.*

Abri o envelope e retirei uma folha de papel azul. Depois, Oprah pôs a mão sobre a minha para me impedir de desdobrar

a carta. Foi um enorme alívio. Não queria desatar a chorar na televisão.

— Não têm de a ler neste momento, em frente a estas pessoas todas — disse Oprah. — Não têm de a ler em frente a estas pessoas todas... — Fez uma pausa. — Porque... porque... a vossa família... ESTÁ AQUI!!!

Comecei a recuar. O queixo de Claire abriu-se, numa caricatura de choque. Depois, uma porta que tinha imagens de arame farpado — criada especialmente para este episódio específico, assumo, para evocar a vida num campo de internamento — abriu-se à direita do palco para deixar sair um rapaz de oito anos, que era, aparentemente, meu irmão. Foi seguido do meu pai, de fato preto, camisa salmão e gravata; de uma novíssima irmã de cinco anos; da minha mãe, com um longo vestido azul; e da minha irmã Claudette, agora mais alta do que eu. Da última vez que a vira, tinha dois anos, e eu ainda acreditava que a minha mãe a trouxera do mercado.

Fantasiara tantas vezes este momento. Em Maláui, costumava escrever o meu nome com pó nos camiões, na esperança de que a minha mãe visse o meu *Clemantine* em manuscrito e percebesse que eu estava viva. No Zaire, poupava moedas para comprar presentes aos meus pais. Na Tanzânia, colecionara berlindes para o meu irmão mais velho, Pudi, que não estava presente neste reencontro. Pudi estava morto.

Claire ficou imóvel, por um momento. Por isso, eu, com as minhas roupas da televisão e o meu cabelo armado pelo secador, corri para a família trazida pela Oprah, de braços estendidos. Abracei o meu irmão. Abracei o meu pai. Abracei a minha irmãzinha. Abracei a minha mãe, mas os meus joelhos fraquejaram, e ela teve de me agarrar. Depois abracei-a. Abracei Claudette, a minha irmã que era tão pequena e agora já não. Atravessei o palco e abracei Oprah. Abracei o maravilhoso e envelhecido Elie Wiesel.